

Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa II

Prof. Emílio Pagotto – Segundo período

Atividade 1

Alunos:

Eric Rodrigues Netto

Leonardo Ferreira da Silva Boiko

1. Resenha

A Teoria dos Atos da Fala de J.L. Austin considera incompleta uma análise dos enunciados da língua que não leve em consideração sua natureza como *ações*. Todo enunciado só existe quando é produzido por um agente, dentro de determinado contexto e causando determinados efeitos. Mais detalhadamente, todo enunciado pode ser visto como a realização simultânea de três atos:

1. O **ato locucionário** ou ato lingüístico *stricto sensu*, ou seja, uma seqüência de sons (ato fonético) que são empregados para expressar determinadas palavras em uma certa gramática (ato fático), que por sua vez compõe um significado, ou seja, um sentido e uma referência (ato rético ou retórico).
2. O **ato ilocucionário**, que descreve qual ação o falante está fazendo *por* enunciar—por exemplo perguntar, prometer, ameaçar, avisar, &c., ou simplesmente constatar.
3. O **ato perlocucionário**, que descreve os efeitos do ato do falante nos interlocutores e audiência, intencionais ou não; e.g. persuadir, irritar, provocar uma ação, &c.

Um exemplo dado por Austin:

1. Ele me disse “atire nela!” (Ato locucionário.)
2. Ele me mandou atirar nela. (Ato ilocucionário.)
3. Ele me convenceu a atirar nela. (Ato perlocucionário.)

O ato locucionário possui um significado, composto por sentido e referência (conforme definidos por Gottlob Frege). O ato ilocucionário, por sua vez, carrega uma **força ilocucionária** (termo empregado como na frase: “o que ele disse teve força de ameaça”). Uma complicação adicional é que a força ilocucionária do enunciado não depende apenas de sua constituição interna. Uma sentença como “o touro é bravo” pode ter força de alerta, ou de ameaça, ou de proibição, ou de simples informação e assim por diante, de acordo com o contexto do ato de fala.

Tradicionalmente, a filosofia e a lógica trataram as sentenças da língua de forma isolada, abstrata, como afirmações sobre o mundo que podem ter um valor verdadeiro ou falso. Esta concepção corresponde a um ato de fala cuja força ilocucionária é de afirmação ou informação, um extremo que Austin denomina **sentença constativa** (ou constativa). No outro extremo, e escapando completamente à análise clássica, estão enunciados cuja própria enunciação é o ato que referenciam, como em “eu prometo que...” ou “eu aposto que...”. Estas são chamadas **sentenças performativas**, e para elas não importam tanto critérios de verdadeiro e falso como os de sucesso e fracasso.

Um dos pontos centrais da Teoria dos Atos da Fala é a observação que enunciar sentenças constativas também é um tipo de ação, ou seja, que todas as sentenças são performativas. Sendo atos, também as constatações estão sujeitas a considerações de sucesso/fracasso. A dicotomia constativo/performativo é portanto superada pelo modelo dos três atos sempre presentes, locucionário, ilocucionário e perlocucionário.

2. Análises dos quadrinhos

I. Geraldão

1

Tomada do ponto de vista locucionário, a sentença “vendo aquelas revistas nojentas de mulher pelada, né?” seria um simples pedido por informação. No entanto, observa-se pelo contexto que o enunciado não é realmente uma pergunta. A ação de Geraldão está bastante clara, e sua mãe não tem dúvidas sobre o que ele está fazendo.

O ato ilocucionário do primeiro quadrinho não é portanto uma indagação. À primeira vista, ele parece ser o de admoestação, reprovação ou ameaça; a mãe aparentemente expressa seu desagrado pelos hábitos do filho, o que seria socialmente esperado (inclusive pelo leitor).

2

Novamente nos atendo ao ato locucionário, a sentença de Geraldão parece não ter relação com a de sua mãe; nenhum elemento interno conecta as duas. Porém, ao considerarmos as forças ilocucionárias, o discurso é perfeitamente coerente. Ele não está respondendo à pergunta porque o ato de sua mãe não foi uma pergunta.

Baseando-se em eventos anteriores (“por fogo de novo?”), Geraldão assume que o enunciado de sua mãe foi uma ameaça. No esquema conceitual da Teoria dos Atos da Fala, diríamos que o ato perlocucionário do primeiro enunciado foi fazer Geraldão sentir-se ameaçado. Ele protege suas revistas com as mãos e inicia seu próprio ato de fala, perguntando se a mãe pretende destruí-las.

Mas, interessantemente, Geraldão deixa em aberto a possibilidade de ter mal-interpretado o ato ilocucionário da mãe. Esse é o mecanismo do seu “por que”; uma pergunta que numa primeira análise parece supérflua, mas que na verdade significa algo como “por que você está dizendo isto?”—i.e. qual foi seu ato ilocucionário? Esta pergunta prepara o desfecho da tirinha.

A enunciação da mãe esclarece a força ilocucionária do seu primeiro ato de fala. Descobrimos que ela não estava reprovando ou ameaçando; ao contrário, ela desejava olhar as revistas.

Por convenções e também por marcas ilocucionárias no interior do primeiro enunciado (“nojentas”, “né”), o leitor foi levado a supor, junto com Geraldão, que o ato da mãe no primeiro quadrinho era de reprovação. A surpresa de descobrir o contrário produz efeito humorístico, realçado ainda pela surpresa de uma figura materna demonstrar interesse por material erótico.

II. Piratas do Tietê

O enunciado do lutador humano no primeiro quadrinho pode talvez ser separado em dois:

- i) Venha, Gato do Mato...
- ii) Vou ensinar como as mãos podem se transformar em armas letais...

O ato locucionário interno do enunciado i) é um pedido ou ordem (tempo verbal imperativo) para que o gato se aproxime, enquanto o de ii) descreve o que o falante fará em seguida. Porém, dado o contexto de luta, o ato de fala i) tem força ilocucionária de desafio, e ii) de ameaça. Novamente, os atos ilocucionários fogem à simples soma das partes das sentenças.

No segundo quadrinho, o lutador felino ataca e prevalece sobre o lutador humano. A julgar pelas reações do Gato do Mato, o ato ilocucionário do enunciado i) teve sucesso: o gato sentiu-se desafiado. Porém, o ato ii) não teve sucesso: o gato não demonstra estar intimidado pela ameaça. Assim, o ato perlocucionário do enunciado como um todo foi simplesmente provocar um ataque.

No terceiro quadrinho, o lutador humano tenta consertar o fracasso do ato ilocucionário de ii). A ameaça resultou vazia porque o lutador humano demonstrou ser inferior ao Gato na luta. Porém, ele desvia a atenção desse fato, culpando o fracasso pela falha da figura de retórica de ii) em concretizar-se literalmente. O lutador então faz nova ameaça; ao prometer buscar uma arma letal de fato, ele espera cobrir o problema da metáfora e ter sucesso desta vez. (O Gato do Mato, porém, permanece impassível.)

III. O Mago de Id

Para analisar o funcionamento do enunciado pedido, precisaremos considerar todo o contexto da tira, incluindo os demais enunciados; a saber,

- i) *Falante A*: Quero deixar tudo que tenho pra construir um asilo para gatos.
- ii) *Falante B*: O senhor é louco?
- iii) *Falante C*: Claro.

O enunciado i) pertence àqueles que Austin chamou de performativos. O Falante A está declarando seu testamento para uma autoridade; o próprio ato de enunciar já terá valor como testamento, que será registrado pelo falante B.

Embora a força ilocucionária de i) seja a de “declaração de testamento”, o efeito perlocucionário produzido foi o de surpresa, indignação. A autoridade (falante B) produz então o enunciado ii), que tem força de reprovação; ele não está simplesmente indagando se o falante A é louco, e sim sugerindo que, se ele quiser deixar tal testamento, ele estará agindo como um louco—ou seja, o ato ilocucionário do falante B é reprovar o testamento de A.

No terceiro quadrinho, porém, vemos que o ato ilocucionário em ii) não teve sucesso. Ao invés de defender ou retratar seu testamento, o falante A toma ii) em seu significado puramente locucionário, como um pedido por informação; e esclarece calmamente que sim, ele é louco. À esta interpretação inesperada de ii) soma-se a incongruência de um falante com consciência da própria insanidade, o que completa o humor da tira.